



PROMOVER A INTEGRAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

*O caso da Escola de Ciências Sociais
e Humanas do ISCTE-IUL*

Sónia F. Bernardes, Editora



INTEGRA I&E – Promover a Integração da Investigação no Ensino Superior: O caso da Escola de Ciências Sociais e Humanas do ISCTE-IUL

Editora: Sónia F. Bernardes

©Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

Formatação e edição de texto: João Graça

Lisboa, Março de 2017

Suporte Edição Eletrónica

ISBN: 978-989-732-894-7

Citação recomendada:

Bernardes, S.F. (2017, Ed.). Integra I&E – Promover a Integração da Investigação no Ensino Superior: O caso da Escola de Ciências Sociais e Humanas do ISCTE-IUL. Lisboa: ISCTE-IUL.

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

Edifício ISCTE

Av. Das Forças Armadas

1649-026 Lisboa, Portugal

Tel.: 217 903 000 | Fax: 217 964 710

E-mail: geral@iscte.pt

www.iscte-iul.pt



Cofinanciado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do concurso Projetos Inovadores no Domínio Educativo (FCG/PIDE/138181/2015)

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO GERAL: DA INTEGRAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO NO ENSINO (I&E) AO INTEGRA I&E

SÓNIA F. BERNARDES & FILIPE REIS

1. EM QUE CONSISTE A INTEGRAÇÃO I&E?	2
2. PORQUÊ PROMOVER A INTEGRAÇÃO I&E?	5
3. COMO PROMOVER A INTEGRAÇÃO I&E?	8
4. O INTEGRA I&E E A ESTRUTURA DA OBRA.....	11

II. PERSPETIVAS DOS ESTUDANTES SOBRE A INTEGRAÇÃO I&E

CAPÍTULO 1. OS ESTUDANTES E A INTEGRAÇÃO I&E: BREVE REVISÃO DA LITERATURA NUNO COSTA & RITA GUERRA	15
1.1. EXPERIÊNCIA DA INTEGRAÇÃO I&E PELOS ESTUDANTES.....	16
1.2. BENEFÍCIOS DA EXPERIÊNCIA DE INVESTIGAÇÃO	18
1.3. VANTAGENS E DESVANTAGENS DO ENVOLVIMENTO DOS DOCENTES EM INVESTIGAÇÃO	19
CAPÍTULO 2. OS ESTUDANTES DA ECSH E A INTEGRAÇÃO I&E: UM ESTUDO QUALITATIVO MADALENA MATOS & MARIA DE JESUS CANDEIAS	21
2.1. OBJETIVOS.....	21
2.2. METODOLOGIA: ANÁLISE QUALITATIVA BASEADA EM FOCUS-GRUPO	21
2.2.1. Participantes	22
2.2.2. Recolha da informação	23
2.2.3. Tratamento e análise da informação	24
2.3. RESULTADOS	26
2.3.1. Representações e práticas dos estudantes sobre ensino-aprendizagem e sobre investigação	26
2.3.2. Vantagens e desvantagens da integração I&E: avaliação das práticas de integração entre ensino e investigação	60
2.3.3. Fatores limitadores da integração I&E e propostas para melhorar esta relação no ISCTE-IUL	75
2.4. CONCLUSÕES.....	88

CAPÍTULO 3. OS ESTUDANTES DO ISCTE-IUL E A INTEGRAÇÃO I&E:
UM ESTUDO QUANTITATIVO NUNO COSTA, RITA GUERRA & SÓNIA F.

BERNARDES	93
3.1. OBJETIVOS.....	93
3.2. METODOLOGIA.....	93
3.2.1. Participantes	93
3.2.2. Instrumento	94
3.2.3. Procedimento	100
3.3. RESULTADOS	101
3.3.1. Análise de dados	102
3.3.2. Perceções sobre a integração I&E dos estudantes do ISCTE-IUL.....	103
3.3.3. Perceções sobre a integração I&E dos estudantes da ECSH	112
3.4. DISCUSSÃO.....	118
3.4.1. Atitudes e Experiência com as práticas de integração I&E	119
3.4.2. Qualidades psicométricas dos instrumentos	119
3.4.3. Atitudes dos estudantes face à integração I&E.....	120
3.4.4. Experiência dos estudantes com as práticas de integração I&E.....	121
3.4.5. Envolvimento dos docentes em práticas de integração I&E	122
3.4.6. Contribuição teórica e recomendações para investigações futuras	124
3.5. CONCLUSÕES.....	125

CAPÍTULO 4. PERSPETIVAS DOS ESTUDANTES SOBRE A INTEGRAÇÃO

I&E: SÍNTESE CONCLUSIVA NUNO COSTA, RITA GUERRA & MADALENA MATOS	126
4.1. INSTRUMENTOS DE MONITORIZAÇÃO	127
4.2. CONCEÇÕES DOS ESTUDANTES DA ECSH SOBRE A INTEGRAÇÃO I&E.....	127
4.3. CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES DA INVESTIGAÇÃO CONDUZIDA NO ISCTE-IUL.....	128
4.4. ATITUDES DOS ESTUDANTES FACE ÀS PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO I&E.....	129
4.5. EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES COM PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO I&E.....	130
4.6. VANTAGENS E DESVANTAGENS DA INTEGRAÇÃO I&E.....	131

III. PERSPETIVAS DOS DOCENTES/ INVESTIGADORES SOBRE A INTEGRAÇÃO I&E

CAPÍTULO 5. OS ACADÉMICOS E A INTEGRAÇÃO I&E: BREVE REVISÃO DE LITERATURA *DIANA FARCAS, KINGA BIERWIACKZONEC, SÓNIA F.*

<i>BERNARDES & SUSANA CARVALHOSA</i>	134
5.1. CONCEÇÕES, ATTITUDES E EXPERIÊNCIAS RELACIONADAS COM A INTEGRAÇÃO I&E	135
5.2. DIFERENÇAS ENTRE AS PERSPETIVAS DOS DOCENTES/INVESTIGADORES E OUTROS GRUPOS.....	136
5.3. FATORES QUE FACILITAM E DIFICULTAM A INTEGRAÇÃO I&E.....	137
5.4. CONSEQUÊNCIAS PERCEBIDAS DA INTEGRAÇÃO I&E	138

CAPÍTULO 6. OS DOCENTES/INVESTIGADORES DA ECSH E A INTEGRAÇÃO I&E: UM ESTUDO QUALITATIVO *DIANA FARCAS & SÓNIA F.*

<i>BERNARDES</i>	140
6.1. MÉTODO.....	140
6.1.1. Participantes	140
6.1.2. Técnica e procedimento de recolha de dados	143
6.1.3. Técnica de análise de dados	146
6.1.4. Critérios de rigor na análise dos dados	146
6.2. RESULTADOS	148
6.2.1. Práticas de integração de I&E	149
6.2.2. Fatores que dificultam a promoção da integração I&E	160
6.2.3. Fatores que facilitam a promoção da integração I&E	164
6.2.4. Consequências das práticas de integração I&E.....	169
6.2.5. Sugestões para uma melhor promoção da integração I&E	173
6.3. DISCUSSÃO.....	179
6.3.1. Conceções e práticas de integração I&E.....	179
6.3.2. Barreiras e facilitadores da integração I&E	182
6.3.3. Consequências da integração I&E	184
6.3.4. Sugestões para promover a integração I&E.....	185
6.3.5. Especificidades disciplinares	186
6.3.6. Limitações e contributos	188

CAPÍTULO 7. OS DOCENTES/INVESTIGADORES DA ECSH E ISCTE-IUL	
E A INTEGRAÇÃO I&E: UM ESTUDO QUANTITATIVO SUSANA CARVALHOSA	
& KINGA BIERWIACZONEK	190
7.1. MÉTODO.....	190
7.1.1. Participantes.....	190
7.1.2. Instrumentos	191
7.1.3. Procedimentos	192
7.2. RESULTADOS	193
7.2.1. Práticas de integração I&E	193
7.2.2. Atitudes face à integração I&E	197
7.2.3. Fatores que facilitam/dificultam a integração I&E	201
7.3. CONCLUSÕES.....	204

CAPÍTULO 8. PERSPETIVAS DOS DOCENTES/INVESTIGADORES SOBRE	
A INTEGRAÇÃO I&E: SÍNTESE CONCLUSIVA DIANA FARCAS, SÓNIA F.	
BERNARDES & SUSANA CARVALHOSA	210
8.1. CONCEÇÕES E PRÁTICAS DOS DOCENTES/INVESTIGADORES SOBRE A	
INTEGRAÇÃO I&E	210
8.2. ATITUDES DOS DOCENTES/INVESTIGADORES SOBRE A INTEGRAÇÃO I&E	212
8.3. CONSEQUÊNCIAS DA INTEGRAÇÃO I&E	213
8.4. FATORES QUE FACILITAM E DIFICULTAM A INTEGRAÇÃO I&E.....	214

IV. PARTILHA, APRENDIZAGEM SITUADA E INOVAÇÃO **RITA JERÓNIMO & FILIPE REIS**

1. COMUNIDADE DE PRÁTICA DE INTEGRAÇÃO I&E	217
1.1. APRENDIZAGEM COMO PRODUÇÃO DE UM SISTEMA SOCIAL.....	217
1.2. APRENDIZAGEM COMO CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE	218
1.3. CARACTERÍSTICAS DE UMA CoP	219
1.4. CoPs NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO	220
1.5. A CoP DE INTEGRAÇÃO DE INVESTIGAÇÃO NO ENSINO	221
1.5.1. Propósitos, composição e funcionamento	221
1.5.2. Seminários de pesquisa de mestrado inspirados na	
dinâmica das CoP	223
1.5.3. Uma nova conceção sobre a integração I&E: Aprender a	
partir de lugares e não de conteúdos	226
1.5.4. Uma nova conceção sobre a integração I&E: Um espaço	
relacional de aprendizagem.....	229
1.6. A CoP DE INTEGRAÇÃO DE INVESTIGAÇÃO NO ENSINO	231
1.6.1. Balanço sobre o funcionamento da CoP no âmbito do	
Projeto INTEGRA I&E	231

1.6.2. Vantagens em usar as CoP como modelo inspirador de práticas de integração I&E	231
1.6.3. Barreiras e desafios	232

V. CONCLUSÕES GERAIS E RECOMENDAÇÕES PARA A PROMOÇÃO DA INTEGRAÇÃO I&E SÓNIA F.

BERNARDES

1. PRINCIPAIS CONCLUSÕES	235
1.1. QUAIS AS CONCEÇÕES SOBRE INTEGRAÇÃO I&E?	236
1.2. QUAIS AS ATITUDES SOBRE AS PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO I&E?	238
1.3. QUE PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO I&E EXISTEM?.....	240
1.4. QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DAS PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO I&E?.....	244
1.5. QUAIS OS FACILITADORES E AS BARREIRAS ÀS PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO I&E?	246
2. RECOMENDAÇÕES.....	250

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	256
---------------------------------	-----

VII. ANEXOS

ANEXO A – PERSPETIVAS DOS ESTUDANTES, ESTUDO QUALITATIVO	270
ANEXO B – PERSPETIVAS DOS ESTUDANTES, ESTUDO QUANTITATIVO	284
ANEXO C – PERSPETIVAS DOS DOCENTES, ESTUDO QUALITATIVO	297
ANEXO D – PERSPETIVAS DOS DOCENTES, ESTUDO QUANTITATIVO	308

CAPÍTULO 7. OS DOCENTES/INVESTIGADORES DA ECSH E ISCTE-IUL E A INTEGRAÇÃO I&E: UM ESTUDO QUANTITATIVO

SUSANA CARVALHOSA & KINGA

BIERWIAZONEK

Na linha de investigação sobre as perspetivas dos docentes e investigadores, foi numa primeira fase desenvolvido um estudo qualitativo (reportado no capítulo anterior) e numa segunda fase, um estudo quantitativo que incorporou os resultados alcançados no estudo qualitativo.

O estudo quantitativo é, deste modo, um estudo exploratório que procurou responder às seguintes questões de investigação:

1. Qual a frequência com que os docentes/investigadores da ECSH/ISCTE-IUL usam as diferentes práticas de integração I&E?
2. Quais as atitudes dos docentes/investigadores relativamente às diferentes práticas de integração I&E?
3. Quais os fatores que os docentes/investigadores percecionam como facilitadores ou como barreiras à integração I&E?

O presente capítulo procura apresentar e descrever o estudo quantitativo levado a cabo com docentes e investigadores do ISCTE-IUL, em geral, e da ECSH, em particular.

Assim, serão apresentadas, no método, as principais características dos participantes, o instrumento utilizado para a recolha dos dados e quais os procedimentos adotados nesta investigação. Numa segunda fase, os resultados irão demonstrar as práticas, as atitudes e os fatores que facilitam/dificultam a integração I&E. Por fim, as conclusões irão possibilitar responder às questões de investigação, discutir os dados encontrados e propor algumas sugestões, baseadas nas perceções e práticas dos docentes e investigadores.

7.1. MÉTODO

7.1.1. Participantes

A amostra total do presente estudo foi constituída por 157 participantes. Apesar de 232 docentes/investigadores terem iniciado as suas respostas ao questionário *online*, 74 foram excluídos por dados incompletos. Da totalidade dos participantes, 89 (56,7%) eram docentes de carreira e 68 eram investigadores; 109 eram orientadores de dissertações/teses; 102 ensinavam no 1º ciclo de estudos (licenciatura), 94 no 2º ciclo de estudos (mestrado) e 44 ensinavam em cursos não conferentes de grau.

Neste estudo, analisou-se uma amostra composta por membros da Escola de Ciências Sociais e Humanas (ECSH) e por membros da área disciplinar de Sociologia. Este grupo da área de Sociologia foi incluído na amostra da ECSH, visto que os docentes/investigadores desta área disciplinar colaboram frequentemente com a ECSH, tanto ao nível do ensino como da investigação. A amostra final, que designaremos apenas como ECSH, é composta por 84 participantes, dos quais 43 (51,2%) eram docentes de carreira e 41 eram investigadores (16 eram investigadores com contrato de docência). Destes participantes, 64% eram mulheres e 92,9% eram de nacionalidade portuguesa. Ainda, estes participantes indicaram pertencer a diferentes áreas disciplinares: Psicologia (n=36), Sociologia (n=28), Antropologia (n=12) e Economia (n=8).

Dos participantes da ECSH, que incluem as quatro áreas disciplinares referidas, e relativamente às suas atividades de ensino, 63,1% eram orientadores de dissertações/teses, 60,7% ensinavam no 1º ciclo de estudos, 56% ensinavam no 2º ciclo de estudos e 19% ensinavam em cursos não conferentes de grau.

7.1.2. Instrumentos

Para o presente estudo, foi elaborado um questionário *online* de autorrelato composto por 4 secções: as práticas de integração da investigação no ensino, as atitudes face à integração I&E, os fatores que facilitam/dificultam a integração I&E, e, a caracterização sociodemográfica.

Práticas de integração I&E. As práticas foram medidas através de uma adaptação para os docentes/investigadores, da escala de Healey, Jordan e Short (2002) concebida para os estudantes. Foi realizada uma tradução e adaptação da versão original, que foi utilizada pela linha de investigação do INTEGRA I&E sobre os estudantes (ver capítulo 3 que apresenta um estudo quantitativo realizado com estudantes). Um dos itens da escala original foi eliminado por não se adequar aos participantes e foram adicionados 2 itens que resultaram do estudo qualitativo com docentes/investigadores do INTEGRA I&E que precedeu o presente estudo (capítulo 6), totalizando uma escala com 17 itens. Aos docentes/investigadores era perguntado, com que frequência, nos últimos 3 anos, utilizaram cada uma das 17 práticas de integração I&E enumeradas (por exemplo: "Convidar um(a) conferencista para discutir o trabalho de investigação dele(a) numa unidade curricular"). As opções de resposta eram compostas por uma escala do tipo Likert de 1 a 5, onde o 1 corresponde a "Nunca" e 5 a "Sempre". A opção de resposta "Não aplicável" também era apresentada (ver Anexo D, página 311).

Atitudes face à integração I&E. A mesma escala e os mesmos itens utilizados para medir as práticas de integração I&E, foram adaptados para medir as atitudes face à

integração I&E. No entanto, para medir as atitudes, a formulação da questão foi alterada para: “De uma forma geral, em que medida é favorável à utilização das seguintes práticas nas suas atividades de ensino?”. Assim, os docentes/investigadores tinham que indicar em que medida eram favoráveis à utilização de cada uma das 17 práticas de integração I&E enumeradas. As opções de resposta eram compostas por uma escala do tipo Likert de 1 a 5, onde o 1 corresponde a “Nada favorável” e 5 a “Extremamente favorável”. A opção de resposta “Não aplicável” também era apresentada (ver Anexo D, página 310).

Fatores que facilitam/dificultam a integração I&E. Os fatores que facilitam ou que dificultam a integração I&E foram medidos através de uma escala desenvolvida no âmbito do presente estudo, composta por 23 itens que resultaram do estudo qualitativo com os docentes/investigadores (ver capítulo anterior). Os docentes/investigadores tinham que indicar em que medida cada um dos 23 aspetos enumerados facilitava ou dificultava a integração I&E nas suas atividades de ensino (por exemplo: “A atual relevância da publicação em revistas internacionais para a progressão na sua carreira”). As opções de resposta eram compostas por uma escala do tipo Likert de 1 a 5, onde o 1 corresponde a “Facilita muito” e 5 a “Dificulta muito”. A opção de resposta “Não aplicável” também era apresentada (ver Anexo D, página 312).

Caracterização sociodemográfica. O questionário sociodemográfico incluía aspetos pessoais como o sexo, a nacionalidade e a área disciplinar; a experiência de ensino, como o número de unidades curriculares em que colaborava; e, a experiência de investigação, como o número de anos de experiência de investigação.

7.1.3. Procedimentos

No presente estudo, para proceder à recolha dos dados junto dos docentes e investigadores do ISCTE-IUL, foi elaborado um questionário *online*, cujo *link* foi divulgado por e-mail para as listas institucionais de docentes e de investigadores. Posterior à primeira divulgação do questionário, foi enviado um lembrete, por e-mail, para os mesmos endereços, apelando à participação dos docentes e investigadores. Também, em diversas reuniões institucionais se divulgou o estudo.

De modo a analisar as diferenças relativamente ao ensino no 1º ciclo de estudos e ao 2º ciclo de estudos, ou seja, entre a licenciatura e o mestrado, os participantes foram colocados na condição de licenciatura (se responderam afirmativamente à questão de ensinarem no 1º ciclo de estudos) ou na condição de mestrado (se responderam afirmativamente à questão de ensinarem no 2º ciclo de estudos). Os participantes que responderam afirmativamente às duas questões (lecionam no 1º e no 2º ciclo de estudos) foram distribuídos aleatoriamente por cada uma das condições referidas. Os participantes que

responderam serem unicamente orientadores de dissertações/teses, apenas respondiam às questões sociodemográficas.

7.2. RESULTADOS

7.2.1. Práticas de integração I&E

Relativamente a uma análise descritiva das 17 práticas de integração I&E utilizadas pelos docentes/investigadores do ISCTE-IUL (n=157), podemos verificar que as médias (mínimo de 1 e máximo de 5) de todos os itens variam entre 1,47 (“Integrar o(a)s estudantes num projeto de consultoria”, n=91) e 3,42 (“Promover o desenvolvimento das competências do(a)s estudantes, em técnicas de investigação”, n=108). Ainda, destacamos que existem 4 itens da escala com valores de média acima do ponto médio da escala. Estas práticas, além da referida atrás, são “Estimular os estudantes a frequentar um seminário de pesquisa ou conferência (que não faz parte de uma unidade curricular)” (M=3,41, DP = 1,16), “Propor trabalhos de aplicação de técnicas e metodologias de investigação, como parte da avaliação de uma unidade curricular” (M=3,38, DP = 1,28) e “Discutir o seu trabalho de investigação numa unidade curricular” (M=3,23, DP = 1,01).

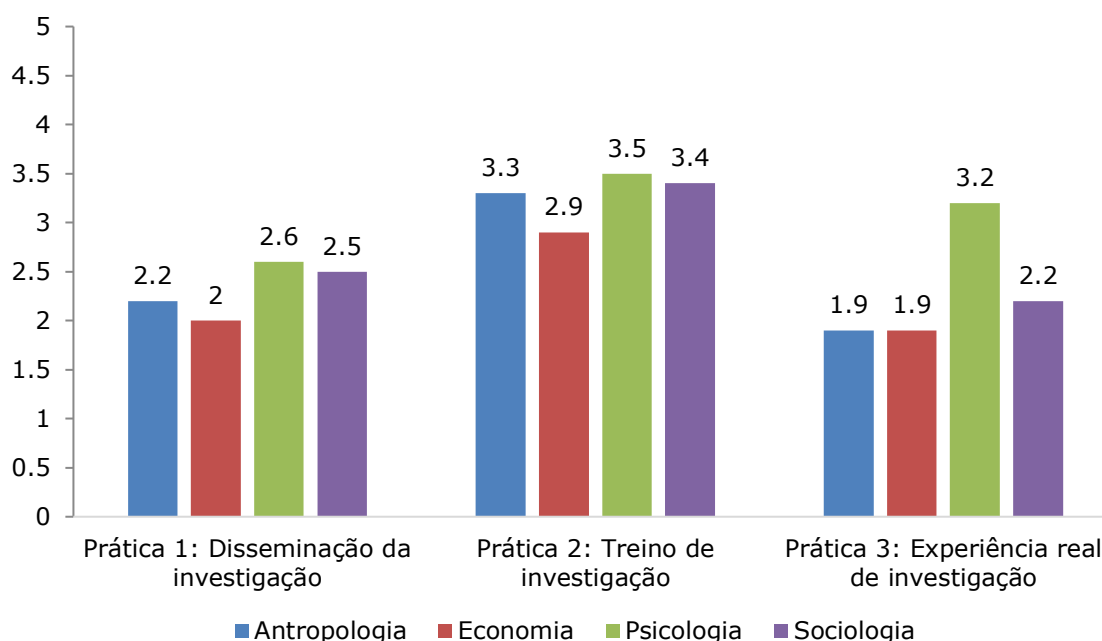
Na análise fatorial exploratória realizada, foi encontrada uma estrutura de 3 fatores (ver tabela 37, em baixo). O fator 1, denominado de “Ensinar formas de disseminação da investigação” (DI), é composto por 4 itens que representam práticas e atividades pedagógicas que permitem aos estudantes observar como a ciência é divulgada e de experimentar divulgá-la por si próprios. O fator 2 denominado de “Treino de investigação no âmbito das Unidades Curriculares” (TI) é composto por 3 itens; estes correspondem a práticas que permitem aos estudantes treinar as competências de investigação no âmbito de uma UC. O fator 3, denominado de “Promover uma experiência real de investigação” (EI) é composto por 3 itens que representam o envolvimento dos estudantes em investigação real. Todos os fatores apresentam muito bons níveis de consistência interna.

Tabela 37. Análise fatorial exploratória (rotação oblíqua) da escala de práticas de integração I&E (n=102).

Item	Fator			
	DI	TI	EI	
Convidar um(a) conferencista para discutir o trabalho de investigação dele(a) numa unidade curricular	.943	.011	.155	
Convidar um(a) estudante de um ciclo de estudos mais avançado (ex., doutoramento) para discutir o trabalho de investigação dele(a) numa unidade curricular	.750	-.090	-.093	
Promover a contribuição do(a)s estudantes para a elaboração de um artigo/relatório científico ou outro tipo de produto resultante de investigação	.541	.262	-.167	
Promover a contribuição do(a)s estudantes para a elaboração de um poster ou apresentação oral para uma conferência científica	.480	.204	-.289	
Promover o desenvolvimento das competências do(a)s estudantes, em técnicas de investigação (ex., entrevistas, análise estatística ou de textos, competências de desenho, de trabalho de campo, de pesquisa em bases de dados ou arquivos)	-.043	.867	.041	
Propor trabalhos de aplicação de técnicas e metodologias de investigação, como parte da avaliação de uma unidade curricular	-.052	.850	.003	
Acompanhar o(a)s estudantes na realização de um projeto de investigação, como parte integral ou parcial de uma unidade curricular	.197	.517	-.110	
Envolver o(a)s estudantes em atividades práticas/trabalho de campo, no âmbito de projetos de investigação a decorrer numa unidade de investigação do ISCTE-IUL	-.046	-.030	-.912	
Envolver o(a)s estudantes enquanto participantes num projeto de investigação (ex., participar num estudo experimental, responder a um inquérito, ser entrevistado/a)	-.094	.082	-.834	
Envolver o(a)s estudantes enquanto assistentes de investigação de um projeto de investigação em que esteja pessoalmente envolvido e a decorrer numa das unidades de investigação do ISCTE-IUL	.240	-.021	-.590	
	Média	2.28	3.22	2.40
	(DP)	(1.00)	(1.11)	(1.09)
	Variância explicada (%)	43	12	9
	α de Cronbach	.843	.803	.840

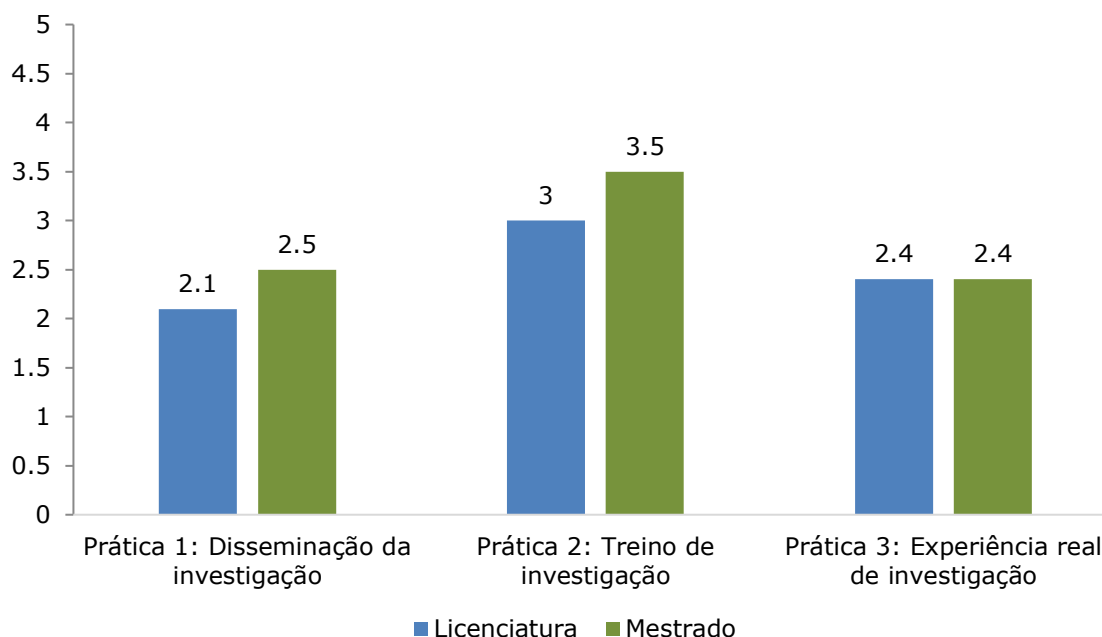
Nota: DI - Fator 1 "Ensinar formas de disseminação da investigação", TI - Fator 2 "Treino de investigação no âmbito das Unidades Curriculares", EI - Fator 3 "Promover uma experiência real de investigação".

Figura 4. Frequência de utilização de práticas de integração I&E, por área disciplinar (1 – Nunca, 5 – Sempre)



Por fim, quando se analisou as diferenças de médias entre os níveis de ensino, através de um teste t, verificou-se que as práticas de integração I&E que ensinam formas de disseminação da investigação ($M_{1^{\circ} \text{ ciclo}}=2,06$; $DP=0,99$; $M_{2^{\circ} \text{ ciclo}}=2,53$; $DP=0,95$; $t(105) = -2.45$, $p < .05$) e as práticas de treino de investigação no âmbito das UCs ($M_{1^{\circ} \text{ ciclo}}=3,01$; $DP=1,16$; $M_{2^{\circ} \text{ ciclo}}=3,46$; $DP=1,01$; $t(106) = -2.12$, $p < .05$) são utilizadas significativamente mais vezes no nível de ensino de mestrado do que no nível de ensino nas licenciaturas. Não se encontraram diferenças relativamente às práticas que promovem o envolvimento dos estudantes em experiências reais de investigação, conforme se pode verificar na figura 5, em baixo.

Figura 5. Frequência de utilização de práticas de integração I&E, por nível de ensino (1 – Nunca, 5 – Sempre)



Após a apresentação dos resultados da utilização de diversos tipos de práticas de integração I&E, de seguida iremos abordar os resultados das atitudes dos docentes/investigadores do ISCTE-IUL face à integração I&E.

7.2.2. Atitudes face à integração I&E

Relativamente a uma análise descritiva das atitudes face às práticas de integração I&E dos docentes/investigadores do ISCTE-IUL (n=157), podemos verificar uma atitude positiva relativamente à integração da investigação no ensino, uma vez que as médias (mínimo de 1 e máximo de 5) de todos os itens são acima do ponto médio da escala (3 - Moderadamente favorável). Ainda, destacamos que a atitude mais positiva dos docentes/investigadores é “Promover o desenvolvimento das competências dos estudantes, em técnicas de investigação (ex., entrevistas, análise estatística ou de textos, competências de desenho, de trabalho de campo, de pesquisa em bases de dados ou arquivos)” (M=4,5; DP=,76) e a menos positiva é “Integrar os estudantes num projeto de consultoria” (M=3,33; DP=1,23).

É de realçar que os mesmos itens das práticas de integração I&E que são mais utilizadas são os mesmos face aos quais os participantes têm atitudes mais favoráveis, assim como as menos utilizadas são as práticas face às quais têm uma atitude menos favorável.

Na análise fatorial exploratória realizada, foi encontrada uma estrutura de 2 fatores (ver tabela 38). O fator 1 denominado de “Práticas focadas nos estudantes” (PEst) é composto por 5 itens, que representam as atitudes face às práticas pedagógicas em que os

estudantes participam ativamente na investigação. O fator 2 denominado de “Práticas focadas no docente/investigador” (PDoc) é composto por 4 itens que correspondem às atitudes face às práticas em que o docente expõe os resultados de investigação aos estudantes. Ambos os fatores apresentam bons índices de consistência interna.

Tabela 38. Análise fatorial exploratória (rotação oblíqua) da escala de atitudes face à integração I&E (n=109).

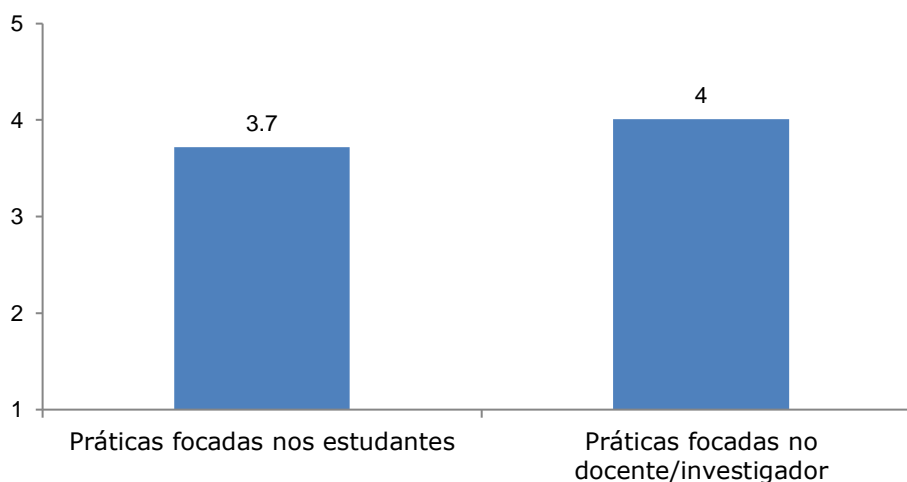
Item	Fator		
	PEst	PDoc	
Promover a contribuição do(a)s estudantes para a elaboração de um artigo/relatório científico ou outro tipo de produto resultante de investigação	.963	-.087	
Promover a contribuição do(a)s estudantes para a elaboração de um poster ou apresentação oral para uma conferência científica	.786	.115	
Envolver o(a)s estudantes enquanto assistentes de investigação de um projeto de investigação em que esteja pessoalmente envolvido e a decorrer numa das unidades de investigação do ISCTE-IUL	.751	.015	
Levar o(a)s estudantes a realizar exercícios de investigação sob a orientação ou tutoria de um(a) estudante de um ciclo de estudos mais avançado	.646	.086	
Promover a contribuição do(a)s estudantes para a elaboração de um artigo/relatório científico ou outro tipo de produto resultante de investigação	.963	-.087	
Integrar o(a)s estudantes num projeto de consultoria	.638	-.039	
Convidar um(a) estudante de um ciclo de estudos mais avançado (ex., doutoramento) para discutir o trabalho de investigação dele(a) numa unidade curricular	-.073	.955	
Convidar um(a) conferencista para discutir o trabalho de investigação dele(a) numa unidade curricular	-.013	.839	
Discutir o seu trabalho de investigação numa unidade curricular	.019	.823	
Envolver o(a)s estudantes na leitura de um artigo científico ou relatório de investigação do qual é autor(a) ou coautor(a)	.201	.444	
	Média (DP)	3.72(.92)	4.01(.82)
	Variância explicada (%)	50	12
	α de Cronbach	.88	.86

Nota: PEst - Fator 1 “Práticas focadas nos estudantes”, PDoc - Fator 2 “Práticas focadas no docente/investigador”.

No que diz respeito à comparação entre os 2 fatores da escala de atitudes face à integração I&E, verifica-se que os docentes/investigadores do ISCTE-IUL revelam uma atitude mais positiva para com as práticas focadas no docente/investigador, do que face às

práticas focadas nos estudantes, apesar da atitude ser positiva para com ambos os tipos de práticas ($t(112)=-3,01$, $p=,003$, ver figura em baixo).

Figura 6. Atitudes face às práticas de integração I&E (1 – Nada favorável, 5 – Extremamente favorável)

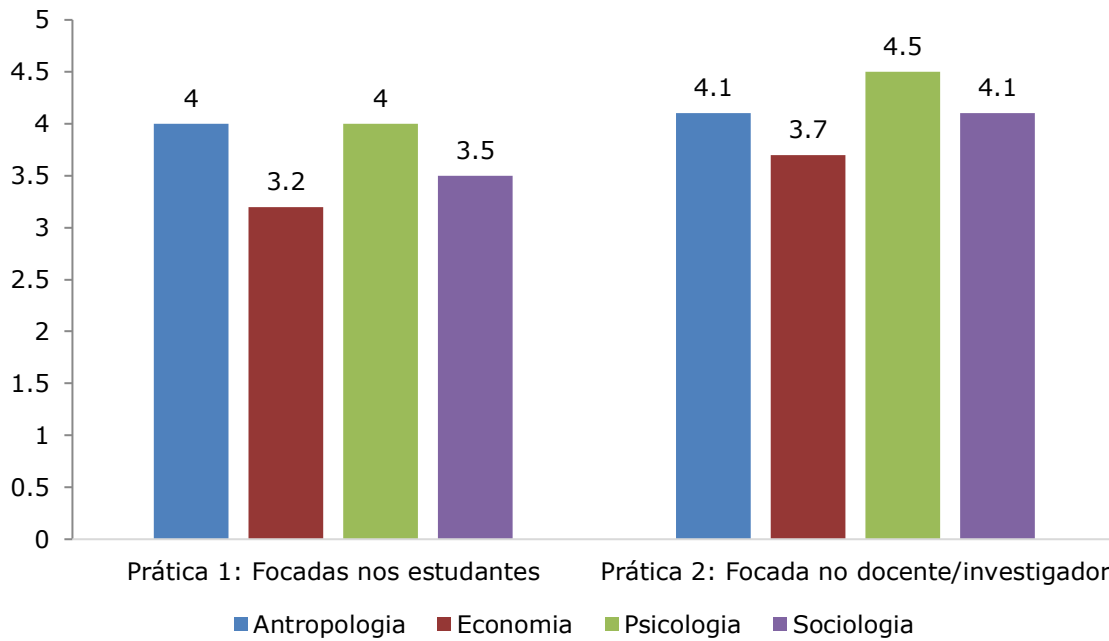


De seguida procedeu-se a uma análise de comparação entre grupos (amostra da ECSH), com base no estatuto profissional (docente de carreira ou investigador), na área disciplinar (Antropologia, Economia, Psicologia e Sociologia) e nível de ensino (licenciatura ou mestrado).

Podemos verificar que relativamente às diferenças de médias, através de um teste t , não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p > .05$, quando se comparou o estatuto profissional).

Quando comparamos as diferenças de médias das quatro áreas disciplinares, utilizando uma one-way ANOVA, verifica-se que existe uma diferença estatisticamente significativa relativamente às atitudes face às práticas focadas no docente/investigador ($F(3,51) = 2,8$, $p < .05$). Este tipo de práticas de integração I&E recebem uma atitude mais favorável dos docentes/investigadores da área da Psicologia ($M=4,51$; $DP=0,58$) do que da área de Economia ($M=3,66$; $DP=1,03$), conforme se pode verificar na figura 7, em baixo. No entanto, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as restantes áreas disciplinares, assim como também não foram encontradas diferenças relativamente às atitudes para com as práticas focadas nos estudantes.

Figura 7. Atitudes face às práticas de integração I&E, por área disciplinar (1 – Nada favorável, 5 – Extremamente favorável)



Ainda, quando se analisaram as diferenças de médias entre os níveis de ensino, através de um teste t, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas relativamente às atitudes face à integração I&E, conforme se pode verificar na figura 8.

Figura 8. Atitudes face à integração I&E, por nível de ensino (1 – Nunca, 5 – Sempre)

